

© Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

© All rights reserved.

PARA SERVIR DE POSFÁCIO

Tokushima, 22 de Maio de 1969

Está a findar a minha sétima visita a Tokushima.

É manhã, e na varanda do hotel respiro as verduras do monte Bizan. Por vezes, as nossas ligações com as cidades são tão estranhas como com as pessoas. Que estranho acaso me trouxe aqui? Mais estranha ainda a sorte de Wenceslau de Moraes aqui ter vindo morrer. Quando chego a Tokushima, a minha primeira visita é sempre para ele – lá vou ao seu monumento e ao seu túmulo. E toda a vez que passo ao fundo da Avenida Shinmachi-bashi digo-lhe adeus, pois, mesmo de longe, o entrevejo no seu medalhão, risonho, como um amigo que está postado à soleira da sua porta.

Tokushima é a cidade do Japão que, com Tóquio e Quioto, melhor conheço. Admiro o carácter alegre da sua gente, cuja vivacidade se mostra na dança mais animada e rápida de todo o Japão, o *bon-odori*, amo a entoação cantada do seu falar, as suas canções românticas, as suas artes e os seus jardins. O seu espírito rápido é tal que vim encontrar um ano depois o mesmo modelo de sapatos de desporto inventados na Alemanha, aqui mais bem feitos e, na sua invenção em relação ao tipo comum, muito mais originais. As indústrias de tecidos, produtos químicos e outras maiores dão a Tokushima uma progressiva prosperidade: cada vez que aqui volto vejo progressos nos aspectos da cidade. Entre 1964 e 1965, a cidade transformou-se tanto que parecia outra.

Estive aqui apenas há dez meses e os cruzamentos agora já têm pontes de passagem sobre as ruas, além de outros melhoramentos urbanísticos por toda a parte visíveis.

Se assim é em tão pequeno espaço de tempo – que diria Moraes se cá voltasse? E o que é verdade é que tudo o que faz o progresso e a riqueza do Japão é precisamente aquilo que Moraes odiava – a intromissão da técnica ocidental no plácido viver da tradição japonesa. Esta tarde, no passeio pelas arcadas cobertas de Tokushima, ladeadas de lojas cheias de tudo o que a indústria japonesa produz, pensei que a diferença entre a Tokushima de há meio século e a de hoje é a que separa o pensamento de Moraes e o meu em relação ao Japão.

Moraes amava muito, sobretudo nos primeiros anos, o pitoresco, os coloridos exotismos que oferecem constantemente surpresas por mais que vivamos aqui; amava, acima de tudo, as delicadezas e adoráveis feminilidades da arte nipónica, ao pé da qual a arte ocidental lhe parecia dessorada e decadente. Ora, pensando bem, que amo eu no Japão? Primeiro que tudo, a sua arte. Não, porém, pela delicadeza e pelo exótico, mas naquelas expressões em que aprofundou o coração humano mais do que a arte ocidental. Na pintura, admiro evidentemente o extraordinário poder decorativo das escolas Tosa, Kano, do *ukiyo-e*, com que Wenceslau delirava; mas o que mais admiro são alguns retratos de monges e de políticos, cuja profunda verdade humana nos surpreende, cujo poder de vida impressiona quando os comparamos com os exemplos ocidentais seus contemporâneos. Na escultura, o que mais me impressiona são as estátuas budistas de Nara, cuja espiritualidade nasce dessa harmonia da graça helénica casada à serenidade oriental, milagre da escola de Gandara e seus continuadores. No teatro, oh! no teatro, Wenceslau nunca chegou a compreender em que consistia o valor do teatro japonês. O que diz do *Kabuki* são comentários de espectador provinciano, que se impressiona mais com o enredo do que com a extraordinária, rica, poderosa linguagem cénica em que está o seu verdadeiro valor. Do *Nô*, não me lembro que Wenceslau fale sequer. Não admira. Parece que quando o *Nô* esteve em Lisboa raras pessoas o compreenderam. Se tivessem ponderado um pouco no profundo entusiasmo e amor que o *Nô* tem despertado em espíritos de mais sensibilidade e entendimento, como Claudel, Shaw, Yeats, Montherlant, etc., etc., teriam descoberto, maravilhados, que tesouros de arte e beleza estão escondidos sob a aparente monotonia dos gestos e das palavras, tal como acontece com a aparentemente monótona música de Bach. Tudo o que é raro e belo em profundidade se esconde dos olhares superficiais e breves do curioso. É aprofundando cada coisa que se conhece o que é profundo na vida.

O superficial interesse de Wenceslau pelo teatro japonês só o posso atribuir à tradicional «desinclinação» portuguesa pelo teatro. De facto, em nenhum dos seus livros se vê que Wenceslau sentisse sério interesse pelo teatro, nem sequer por grandes dramaturgos, como os gregos ou Shakespeare. Além disto, nas cidades do Japão onde viveu, em Kobe e em Tokushima, não tinha oportunidade de ver espectáculos, a não ser de companhias de passagem em Kobe, poucas vezes, e em Tokushima o teatro de bonecos que era tradicional na pequena cidade provinciana.

Prosseguindo o meu exame de consciência, neste ambiente sereno e alegre de Tokushima, onde Wenceslau viveu e morreu, que mais me separa dele no nosso comum gosto e amor pelo Japão?

Muitas coisas mais. Mas duas fundamentais e definitivas: a primeira, que Wenceslau foi seduzido até ao fim, tragicamente, pelos encantos delicados da mulher japonesa; a segunda, que Wenceslau acabou por atribuir mais valor à civilização oriental, japonesa, do que à ocidental. O conhecimento da mulher japonesa, a sedução suave e trágica do amor japonês é, sem dúvida, depois de sentido humanamente e não como experimentar curioso, uma das mais extraordinárias, profundas e doces experiências do coração masculino. Nenhuma outra sabe transmitir a poesia da vida, os valores poéticos guardados nas pequenas coisas e factos quotidianos, como a mulher japonesa. A doçura evanescente do tempo que passa, o sentido oculto dos gestos e das palavras, uma infinita suavidade rica de tonalidades e contradições, a dedicação disposta a jogar a existência num instante de felicidade plena, um sentimento profundo de que o destino nos abraça nos momentos em que nos entregamos com intensidade e sem reserva, o pressentimento estranho de que a vida e a morte são dois extremos próximos, que nos tocam e nos levam cada um por sua mão, a intuição de que o mundo do amor é outro, tem outras perspectivas, outras leis, outra visão em que a alma da mulher japonesa se ilumina e transfigura, o sorriso da luz, a graça da flor, a pureza dum gomo – tudo isso e mais nos revela a mulher japonesa. Mas não é isso e mais também aquela mulher que amamos, qualquer que seja a sua raça? Através da mulher japonesa, Wenceslau conheceu o povo japonês como ninguém. E este conhecimento profundo, quente, humano, a um ponto que nenhum estrangeiro até hoje atingiu, é para mim o verdadeiro valor da experiência humana de Wenceslau. O que ele aprendeu e ganhou com tal conhecimento humano foi inestimável – é tudo o que dá vida e actualidade aos seus livros. Tão longe nunca eu seria capaz de ir. Não invejo nada a ninguém. Mas,

quando encontro um homem de grande coração, toma-me um íntimo desejo de que o meu coração fosse igual.

Moraes retirou-se para a província para aí aprofundar o seu amor ao velho Japão. Eu, superficial e ecuménico como o tempo em que vivo, prefiro Tóquio, porque aqui posso viver uma experiência única no mundo: gozar as mais belas formas das mais antigas artes e tradições da Terra e viver ao mais moderno nível do meu tempo, as mais actuais formas da arte, os mais actuais problemas, as últimas vivências deste século electrónico. Depois de viver em Londres e em Paris – em Paris tantos anos como em Tóquio –, acho ainda a experiência de Tóquio apaixonante e viva, porque o nível intelectual é tão elevado como em Paris e o gosto pela arte mais espalhado do que em qualquer outro país do mundo. E esta vida em dois planos, repito, isto de viver diária e simultaneamente na Ásia e na Europa – de ouvir todos os anos a música do *gagaku* e a Filarmónica de Viena; admirar a dança de Hidejo Kanzaki e o Ballet Bolshoi; ver criar e cultivar artes com mil anos e viver as formas e os acontecimentos mais actuais do século XX; praticar a milenária arte do chá e assistir a espectáculos psicadélicos no espantoso bairro de Shinjuku; assistir a um espectáculo de *Nô*, sob a neve, numa pequena aldeia do Norte, por camponeses fiéis a ritos sagrados, e observar uma longa exposição deslumbrante dos últimos aparelhos electrónicos, belos e cintilantes como jóias – tudo isto, e muito mais que não menciono, parece-me um raro espectáculo humano que é sorte poder viver e tentar compreender no seu complexo significado.

Wenceslau viveu no Japão mais pelo coração do que pelo intelecto. E aqui, apesar das correntes de simpatia entre nós os dois, definitivamente nos separamos. Toda a minha experiência do Japão – ínfima, comparada com a dele – me conduz a confirmar-me cada dia mais na minha cultura ocidental, na minha qualidade de europeu. Bem no fundo, que sou eu? Um transmontano livre e pobre que traz no sangue a voz do mar, nos olhos essa luz incomparável das montanhas e a ambição e altivez das Descobertas, e na cabeça o amor límpido da razão e as últimas ansiedades deste fim de século interestelar. Mesmo que esteja decadente, a civilização ocidental é ainda a maior das civilizações vivas, aquela que contém um mais alto acervo de valores, a única que encerra o germen do progresso histórico.

Foi a civilização ocidental a única que mostrou força e dinamismo capazes de alargar os seus valores ao mundo inteiro. Nem a civilização japonesa, nem a chinesa, nem a indiana, continham ínsita força de expansão. Não existe um humanismo asiático, como existe um humanismo europeu. Em vinte e seis séculos de civilização, a Europa

produziu um espantoso número de homens cujo génio excede as fronteiras dos seus países e se alarga a todo o continente: Platão, Camões, Voltaire, Shakespeare, Goethe, Tolstoi, pertencem à Europa. Na história da Ásia não se encontra um só homem que haja alargado a influência da sua obra a todo o continente; Confúcio, Lao Tse e Mêncio influíram no pensamento e na evolução social da Coreia e do Japão, mas não chegaram à Índia, e muito menos à Pérsia e à Arábia. Só Buda alargou, irradiou a sua doutrina de compaixão por mais de metade da Ásia; mas as religiões são casos à parte; no rio da fé que traz o novo verbo dissolvem-se também as crenças, símbolos e superstições locais. É o budismo que leva uma vaga de espiritualidade cultural a metade do vasto continente e alimenta as grandes obras do espírito, cria os templos admiráveis, a pintura, a escultura, inspira a literatura. Mas, neste vasto oceano, quais os vultos que ultrapassaram os limites nacionais e atingiram dimensões continentais? Não conheço um só. No entanto, desta pequena Europa, desde Homero a Einstein, quantos espalharam o seu génio pela Terra inteira?

O estudo das civilizações orientais dá-nos uma consciência mais clara dos valores da civilização do Ocidente. A aproximação do budismo e do cristianismo mostra não apenas as diferenças religiosas, mas também a natureza específica do espírito ocidental e oriental, e faz sobressair até o importante papel que o fundo do pensamento grego ainda representa na cultura actual do Ocidente.

A noite já vai alta e eu poderia continuar sem fim este confessar-me intimamente ao silêncio da noite de Tokushima. Ao fim do meu discorrer, ergue-se de novo o mesmo espanto – que acaso do destino aqui me trouxe? Que significação oculta terá aquele punhado de cinzas portuguesas guardadas sob uma inscrição estranha ali, no cemitério budista? Wenceslau tem sido sobretudo para mim um documento humano – a provar vivamente as teses que escrevi em várias línguas sobre a vital necessidade de entendimento entre o Ocidente e o Oriente. E tem sido também um amigo, um companheiro espiritual. Que estranho desígnio do destino me trouxe aqui a esta pequena cidade do fim do mundo para fazer a amizade de um português?

A noite avança na solidão e abre-se como um esotérico tabernáculo. Toma-me o sentimento profundo de que não sou eu que me confesso, mas que apenas recebo, passivo e vibrante, o mistério grave que o silêncio me entrega.

(*Wenceslau de Moraes – Antologias Universais*, 1971; 2.^a ed.: 1993, pp. 88-93)

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, sob qualquer forma ou por qualquer processo, sem a autorização prévia e por escrito dos herdeiros de Armando Martins Janeira, com exceção de excertos breves usados para apresentação, divulgação e/ou crítica do site e/ou da vida e obra de Armando Martins Janeira.

No material available from Armando Martins Janeira site may be copied, reproduced or communicated without the prior permission of his Family. Requests for permission for use of the material should be made to info@armandomartinsjaneira.net.